



**Duas faces do amor em *A Paixão Medida*,
de Carlos Drummond de Andrade**

***Two Faces of Love in A Paixão Medida*,
by Carlos Drummond de Andrade**

Fabiane Renata Borsato

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara,
São Paulo / Brasil.

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), Faculdade de
Letras do Porto (FLUP), Porto / Portugal.

fabiane.borsato@unesp.br

Lysllaynne Pryscylla Tavela

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara,
São Paulo / Brasil.

laynne_dc@hotmail.com

Resumo: O artigo analisa dois poemas da obra *A Paixão Medida* (1980) para compreensão de duas faces do amor presentes na poética de Carlos Drummond de Andrade, sendo uma delas o amor comercializável do poema “A festa do mangue” e a outra o amor epifânico, presente no poema “Nascer de novo”. Para isso, serão descritos e analisados os modos de instauração das vozes dos poemas, ora pautados na objetividade, ora na intensa subjetividade da primeira pessoa; as gradações e regularidades rítmicas; a relação entre princípio identitário e epifania; o amor como concepção simpática das coisas e da alteridade; a relação entre *locus adversus* e *locus amoenus*; a presença da ironia drummondinana; o olhar empático do eu poético pela condição de existência no mangue; a mobilidade espacial dos clientes do mangue como contraponto do isolamento das meretrizes e manutenção da exclusão social e econômica. Os sujeitos de ambos os poemas, diante das adversidades econômicas, políticas e sociais, buscam alternativas

de existência e sobrevivência num mundo desajustado. Pretende-se evidenciar que o amor transitório do mangue e o amor-poesia-epifania são duas formas de amar drummondianas, em meio à dura mitologia das cidades modernas.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; *A Paixão Medida*; lírica amorosa.

Abstract: This paper analyzes two poems from the work *A Paixão Medida* (1980) aiming to comprehend the two faces of love underlying Carlos Drummond de Andrade's poetics, being the first one the marketable love in the poem "A festa do mangue", and the second one being the epiphanic love, presented in the poem "Nascer de novo". In order to do it, the modes of instauration of the voices in the poems will be described and analyzed they are grounded either in the first person's objectivity or in its intense subjectivity; the gradations and rhythmic regularity; the relation between the identity and the epiphany; love as a friendly conception of things and alterity; the relation between locus *adversus* and locus *amoenus*; the presence of Drummond's irony; the empathetic gaze of the poetic persona towards the existence conditions on the mangrove; the spatial mobility of the mangrove's clients as a counterpoint of the prostitutes' isolation and maintenance of the social and economic exclusion. The subjects of both of these poems, facing the economic, political and social adversities, seek alternatives of existence and surviving in a disarranged world. It is aimed to highlight that the transitory love of the mangrove and the love-poetry-epiphany are two of Drummond's forms of love amid the tough mythology of the modern cities.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; *A Paixão Medida*; loving lyric.

O amor é tema recorrente em toda a produção poética de Carlos Drummond de Andrade e recebe ênfase nas últimas obras, questão notável tanto nos títulos de alguns de seus livros – *A Falta que Ama* (1968), *A Paixão Medida* (1980), *Amar se Aprende Amando* (1985) e *O Amor Natural* (1992) –, quanto no número de poemas que problematizam o amor e suas formas de existência, sendo o amor tratado como contingencial, motivo de riso e censura, mercadoria, sentimento impessoal e paradoxal. Há, entretanto, uma concepção amorosa menos frequente nos livros do poeta, pautada na celebração, muitas vezes contida, da presença do ser amado e da união que acende a alma humana, amor "fogueira a arder no dia findo" (ANDRADE, 2003, p. 254). Em leitura de "Campo de flores", Lafeté (2004, p. 53-54) afirma sobre este poema da obra *Claro enigma* que "[e]mbora a postura objetiva tenha impedido a canção, embora a ironia tenha dilacerado a melhor doação, permanece como existente uma opção

de saída, que se traduz na afirmativa vigorosa: há que amar”. No livro *A Paixão Medida*, essa e outras concepções amorosas menos eufóricas são poetizadas em sete dos trinta e quatro poemas, sendo eles: “Confronto”; “A Paixão Medida”; “A festa do mangue”; “História, Coração, Linguagem”; “Declaração de Amor”; “Nascer de novo” e “O Nome”. Este trabalho analisará “A festa do mangue” e “Nascer de novo” para compreensão de suas aproximações e distanciamentos expressivos e dos sentidos do amor neles presentes. Os poemas apresentam equivalências em relação ao espaço social disfórico das vozes enunciadoras e elementos formais distintivos para a problematização da sociedade, do amor e de suas formas de existência.

O fim do século XX, contexto de produção dos poemas de *A Paixão Medida*, é marcado pela desagregação do nacionalismo desenvolvimentista. Roberto Schwarz (1999, p. 158) afirma que: “Nos anos 80 ficava claro que o nacionalismo desenvolvimentista se havia tornado uma ideia vazia, ou melhor, uma ideia para a qual não havia dinheiro”. Tecnologia e industrialização não resolveram os problemas sociais do Brasil, ao contrário, o *status quo* nacional compunha-se de sujeitos, identidades, valores e teologias desestabilizadas, sendo que burguesia e trabalhadores estavam fortemente dependentes do capital estrangeiro e do consumo. A interrupção do desenvolvimentismo gerou, conforme Schwarz, “sujeitos monetários sem dinheiro”, rodeados de criminalidade, desemprego, miséria, fanatismos. Tratava-se de um período fundamentado na dinâmica da desagregação, na crítica ao abandono e na desintegração das ilusões nacionais, questões problematizadas em *A Paixão Medida*, tanto nos poemas aqui analisados, quanto em outros como “O Marginal Clorindo Gato” que instaura a personagem Clorindo Gato como produto de uma organização social pautada na exclusão, no lucro e no abandono de grande parcela social, lançada à inexorável marginalidade, ou ainda no soneto “Confronto” que poetiza o dramático encontro das personagens Amor e Loucura, sendo o Amor um sujeito fadado à solidão e ao desamor, desiludido e abandonado numa “lama escura” pela Loucura.

Um olhar panorâmico pela produção poética de Drummond, desde *Alguma poesia* (1930), revela a condição problemática e ambígua do amor e da existência em tempos corrosivos (COSTA LIMA, 1995). Desejo e negação, esperança e desesperança, libertação e aprisionamento, solidão, cumplicidade, “amar-amaro”, gozo sexual caracterizam o

amor da imperfeição, da perda da essência, das instabilidades sociais e comportamentais:

Desde o início, pois, era visível na poesia de Drummond a ideia de que, para usar a expressão de um personagem de Eça de Queirós, vivemos num “mundo muito mal feito”. Esta ideia vai aumentando, até que do mundo avesso do obstáculo e do desentendimento surja a ideia social de “mundo caduco”, feito de instituições superadas que geram o desajuste e a iniquidade, devido aos quais os homens se enrodilham na solidão, na incomunicabilidade e no egoísmo. (CANDIDO, 1977, p. 104).

Neste contexto, o tema amoroso assume, em sete poemas de *A Paixão Medida*, várias faces: a alegórica, no soneto de teor dramático “Confronto”; a de propagação do nome de quem se ama por ondas sonoras, à revelia do sujeito que o quer esquecer, em “O nome”; a da lembrança deliciosa do ato sexual metaforizado num léxico advindo da versificação greco-latina, em “A Paixão Medida”; a face historicizada, do nascimento à morte, na enumeração de nomes de flores representativas das fases existenciais e amorosas, em “Declaração de amor”; a intertextual que evoca a poética de Camões e sua palavra perene que fascina a recepção, em “História, Coração, Linguagem”; a face mercadológica, incapaz de amenizar a solidão daqueles que experienciam o amor, em “A festa do mangue”; a epifânica, no poema “Nascer de novo”, quando o amor instaura um novo nascimento e a abertura rumo à alteridade.

Interessa a este trabalho analisar alguns aspectos formais dos poemas “A festa do mangue” e “Nascer de novo”, as relações dos poemas com o contexto finissecular social e humanamente desagregador, bem como realçar o aspecto metapoético de “Nascer de novo” que promove equivalência entre amor e poesia, por meio da instauração de um espaço metafórico que aproxima comunhão amorosa e linguagem poética, sendo o poema o lugar epifânico de celebração de uma nova possibilidade de existir e de ser Outro.

Drummond soube captar as transformações ocorridas na sociedade no decorrer do século XX, presenciar importantes acontecimentos histórico-sociais no Brasil e no exterior, e traduzir em palavras e poesia a desumanidade, o desamor, a falta de empatia pelo ser humano. “A festa do mangue” revela que existir no mangue não é empreitada fácil, mas as explicações e respostas da meretriz apresentam o desejo de

nele sobreviver e a forte predisposição para a comunhão com o outro: “Bebe um, bebe o seguinte/ e o seguinte do seguinte,/ sem que por isto se estanque/ a fonte aberta ao passante” (ANDRADE, 2010, p. 33). Por outro lado, nascer para o mundo é apresentado de modo negativo e doloroso pelo eu poético de “Nascer de novo”, sendo que somente o Amor, com inicial maiúscula, pôde libertar o sujeito da triste existência e conduzi-lo ao estado de comunhão com o Outro. Conforme notou Mirella Vieira Lima (1995, p. 96), “O poeta tenta isolar o amor e, pelo amor, isolar-se dessa realidade histórica destinada à ‘corrosão’ e à perda”. “Nascer de novo”, ao anunciar dois nascimentos contrapostos, apresenta ao sujeito nascido em um “mundo caduco”, a possibilidade de um segundo nascimento, quando é o “Amor, a descoberta/ de sentido no absurdo de existir” (ANDRADE, 2010, p. 52). Na linguagem poética, o Amor pode redourar, e o eu pode se tornar um Outro ficcional para merecer um segundo e poético nascimento, sendo esta uma face amorosa rara nos poemas de temática amorosa drummondianos.

1 As concepções do amor em “A festa do mangue” e “Nascer de novo”

O poema “A festa do mangue” foi publicado primeiramente em 1979, no folhetim *Pasquim*, em página central, e chamou a atenção dos leitores pela temática erótica. Segundo Rita de Cássia Barbosa (1987, p. 12), em *Poemas Eróticos de Carlos Drummond de Andrade*, “*A Paixão Medida, Corpo e, em parte Amar se Aprende Amando*, em mais de uma oportunidade insistem abertamente sobre a inevitável atração corpórea que constitui o par amoroso...”. No poema “A festa do mangue”, entretanto, amor e sexo aparecem como produto comercializável, garantia de sobrevivência e paliativo para amenizar a solidão.

O poema é composto de três estrofes que coincidem com as três seções e apresentam 34 versos heptassílabos cada, exceção para a seção III, com 36 versos:

A festa do mangue

I

Por que nasce o amor no mangue
e vem coberto de limo,
assim tão úmido e humilde,
querendo ser misturado
às impurezas do homem?
O amor, brotando no mangue,
a preço de hotel do vento,
dispensa raiz profunda:
seus tentáculos à flor
da vista formam arcadas
sob as quais passam casais
desconhecidos, movidos
de pressa e eletricidade.
Amor de poucos minutos
e de sortidos amores
bebendo na mesma fonte.
Bebe um, bebe o seguinte
e o seguinte do seguinte,
sem que por isto se estanque
a fonte aberta ao passante
na extensão lunar da rua
ou no sol tenso do dia,
manguezal de vulva exposta
e de boca sanguessuga.
Fonte distinta das outras,
por sua vez vai sorvendo,
vai sugando, vai chupando
o licor cálido e múltiplo
da veloz necessidade.
Amor triste? Por que triste,
se é sempre forma de amor,
por mais barata que seja,
por mais que se mostre alheia
à tentação de durar?

II

Aqui se cumprem os ritos
da cópula imemorial.
Aqui o catre, o cabide,
a torneira ablucional
carícia especializada
e fruição sideral.
– *Viens, chéri*, vem, meu neguinho,
viens vite faire bouché.
Eu primeiro te examino
para evitar cancro duro.
Depois é você quem manda
no meu corpinho asseado.
Eu sei todas as maneiras
de te fazer delirar.
Vem, soldado, vem, caixeiro,
vem, fuzileiro naval,
vem, empregado da Light,
motorista, cobrador,
funcionário federal,
economista, poeta,
estudante, sacristão,
vem, boiadeiro goiano,
e vem tu, seminarista,
jornalista, radialista,
deputado, senador
oculto em negro capote,
vinde todos, vinde mil
da Europa, França e Bahia,
saciar a precisão.
Rapidinho, rapidinho,
que tenho fogo na veia
e para falar verdade
preciso ganhar a vida
mesmo depois de perdida.

III

Que faz ali na parede
aquela santa dourada?
Vela pelos pecadores,
se é culpa nossa nascer
sem direito a santidade.
E que faz o cachorrinho
enrodilhado no chão?
Faz companhia na hora
de enfrentar a solidão.
Entre santa e cachorrinho,
perpassa um ar de família,
família que continua
a bulir dentro da gente.
Então essa noiva nua
é de verdade ou mentira?
– É de mentira e verdade,
e as pombas que me rodeiam,
as pombas que estão lá fora,
as pombas que nunca param
de bicar milho de amor,
são irmãzinhas da gente,
joias da nossa nudez.
São todos irmãos: a rua
é um país compreensivo
onde o amor é procurado
sem escritura e padrinhos,
o país do pobre amor,
alta riqueza do pobre,
consolação e alegria
dos que estão sempre sozinhos
mesmo quando multidão.
São solidões que se abraçam,
que se enroscam, se deglutem
na festa
(é festa?)

do Manguê.

(ANDRADE, 2010, p. 33-36).

Os versos de redondilha maior, predominantemente graves, apresentam acentuação diversa. Segundo Ali (1999, p. 67-68), a redondilha maior apresenta “contexturas diferentes, de que todos os poetas se utilizam, abrangem todas as localizações possíveis das sílabas acentuadas, [...]”. Além do emprego da redondilha, o poema apresenta pausas internas; hemistíquios; reiterações lexicais; diferentes linhas fraseológicas com predomínio de frases afirmativas, interrogativas e imperativas; discurso direto que dá voz à prostituta e outros recursos rítmicos que favorecem o desenvolvimento do enredo em blocos dramáticos distintos, pautados em diversidade rítmica, em distintos campos entoacionais e intencionalidades semânticas complementares das três seções sequenciais do poema, conforme discorreremos a seguir.

Na seção I, os versos iniciais instauram uma interrogação sobre o nascimento do amor no mangue. A resposta mobiliza a maior parte dos versos da seção, sendo eles de caráter explicativo e declarativo. Os versos centrais, localizados entre os versos 6 e 29, caracterizam o amor do mangue, misturado às impurezas humanas. Este amor apresenta raízes superficiais, variedade e rapidez, fartura e comunhão, resistência, baixo custo, efemeridade, sendo traços ligados ora às necessidades do cliente, ora às da prostituta, ora aos dois sujeitos. Após tais assertivas, o tom interrogativo retorna, à maneira socrática, em que a pergunta já contém a resposta em defesa da ausência de traços de tristeza em um amor barato e efêmero, pois seria válida toda forma de amor. Nesta seção há o domínio da voz do eu poético em defesa da forma de amor nascida no mangue.

A seção II abre-se com o advérbio de lugar “Aqui” e localiza o eu poético no prostíbulo, sendo ele deslocado do lugar de apresentação geral do amor, instaurado na seção I, para a vivência *in loco* da seção II. O eu poético, situado dentro do prostíbulo, inicia a seção II apresentando novos traços do amor comercializado, sendo eles a especialização, a ritualização e a imemorialidade. Tais elementos oferecem profissionalismo e seriedade ao trabalho da meretriz, sendo que para reforço de tais assertivas, o eu poético retira-se de cena e a voz de uma prostituta, em discurso direto, assume os vinte e oito versos restantes. Neles, a função conativa da linguagem predomina, bem como o tom imperativo da comerciante. A persona prostituta anuncia seu ofício por meio de um discurso de convencimento do cliente, pautado na garantia de asseio, delírios, anonimato e saciabilidade sexual. Anunciando a repercussão e importância social do prostíbulo, tal discurso emprega anáforas de caráter

imperativo e enumeração das diversas profissões da clientela habitual: soldado, caixeiro, fuzileiro naval, empregado da Light, motorista, cobrador, funcionário federal, economista, poeta, estudante, sacristão, boiadeiro goiano, seminarista, jornalista, radialista, deputado, senador. O polilinguismo, as rimas internas e consoantes, a antítese imprimem um ritmo cadenciado à fala sedutora e crítica da prostituta: “*Viens, chéri, vem, meu neguinho/ [...] Rapidinho, rapidinho,/ que tenho fogo na veia/ e para falar verdade/ preciso ganhar a vida/ mesmo depois de perdida*” (ANDRADE, 2010, p. 34).

Na seção III, percebe-se que o eu poético continua no espaço interior do prostíbulo e, ao flagrar alguns elementos espaciais aparentemente dissonantes, realiza interrogações sobre a presença da imagem da santa dourada na parede, do cachorrinho adormecido a um canto, de uma noiva nua rodeada de pombas. A primeira resposta da prostituta, referente à representação da santa, é ambígua e irônica, tal qual a afirmação de que é possível ganhar a vida perdida, da seção II, pois simultaneamente afirma e nega a culpa: “*Vela pelos pecadores,/ se é culpa nossa nascer/ sem direito a santidade*” (ANDRADE, 2010, p. 35). Conforme Lafetá (2004, p. 53), a ironia, na poesia de Drummond, é entendida “*não como sarcasmo ou como simples figura de linguagem, mas como uma postura básica, que apercebe-se do contraditório que existe nas coisas e apossa-se do doloroso que daí resulta*”. A ironia dos versos oferece à prostituta consciência de sua inexorável condição no sistema social marcado pela manutenção da exclusão e da marginalidade. A resposta sobre a função do cão num prostíbulo reforça a necessidade humana de companhia, sendo que santa e cachorrinho oferecem ar familiar ao prostíbulo e algum conforto às trabalhadoras marginalizadas do mangue.

No plano metafórico, “A festa do mangue” apresenta um manguezal, metáfora de um prostíbulo e da exclusão social, construído pelos sememas “mangue”, “limo”, “impureza”, “úmido”, “raiz profunda”, “tentáculos”, “vento”, “misturado”, “arcadas”, “sanguessuga”. Contíguo ao mangue-prostíbulo está o espaço urbano, marcado pelos sememas “preço”, “hotel”, “eletricidade”, “pressa”, “rua”, sendo traços do lugar de origem daqueles que frequentam o espaço da natureza (manguezal-prostíbulo), em busca de deleites do amor. Essa opção lexical e semântica apresenta a dinâmica das personagens. Enquanto os clientes circulam entre os dois espaços – mangue e cidade; os habitantes do manguezal estão isolados do espaço urbano, pois apesar da venda de amor aos

habitantes da cidade, as prostitutas não são reconhecidas/aceitas no espaço urbano, lugar da manutenção da exclusão social e econômica daquelas que habitam o mangue e motivo pelo qual o eu poético desloca-se para dentro do prostíbulo, com a intenção de apresentar e reconhecer a importância social do espaço interdito. É notória, no desenvolvimento do poema, a tentativa do eu poético de compreensão da condição de existência das meretrizes e de seus clientes, assumindo um ato empático de libertação de preconceitos e moralismos que acaba por denunciar o seu local de pertencimento, o espaço urbano.

A evocação intertextual do poema “Mangue”, do livro *Libertinagem*, de Manuel Bandeira torna evidente o modo peculiar de instauração do eu poético em “A festa do mangue”. Enquanto Bandeira evoca o mangue por meio da memória lírica e mítica; Drummond apresenta um quadro performático e presentificado da situação dos habitantes do lugar. Bandeira, em “Mangue”, expande espaço e tempo ao reunir elementos diversos, tais como *cargueiros, estivadores, trapiches, abacaxis, bananas, macumba, hino nacional, funcionário público, cartomantes, cirurgiões-dentistas, senador, visconde, palmeiras imperiais*, além de dramas pessoais como o do *funcionário público tuberculoso casado com mulher feia, suicídio de palmeiras, chorinho e carnaval, tia Ciata, Virge Maria e menino Jesus*. Esta lista de elementos justapostos é sintetizada no verso: “O Mangue era simplesinho” (BANDEIRA, [197-?], p. 74). Este verso unifica e oferece coesão à diversidade de elementos e vivências do Mangue, mas é marcado por certa descontinuidade espacial e temporal no verso seguinte que, iniciado pela conjunção adversativa “mas”, instaura outra perspectiva sobre o Mangue: inundações trouxeram seres míticos para o lugar, tais como uiaras da Serra da Carioca, do Trapicheiro, Maracanã, Rio Joana, além de sereias de além-mar; transatlânticos alteraram a paisagem; senador e visconde agora têm capangas; houve abertura de novas ruas e o Mangue passou a ser ofertado como Cidade Nova. Do poema de Bandeira, a memória intertextual do leitor elege alguns elementos que estabelecem um elo com “A festa do mangue”, sendo eles o título, o verso da seção “Oferta” – “Meriti meretriz” (BANDEIRA, [197-?], p. 75) – e as referências às figuras míticas das uiaras e das sereias. Entretanto, em lugar da expansão enumerativa bandeiriana, Drummond concentra seus versos no tema do amor e da solidão, no espaço do mangue e na personagem da meretriz. O amor do mangue é relatado no tempo presente inexorável, desligado

de qualquer ordem mítica ou de um passado humano e diversificado como aquele apresentado no poema de Manuel Bandeira. Em lugar da memória lírica do mangue, o eu poético de Drummond emprega o recurso dramático e oferece voz às meretrizes, dando a conhecer a problemática medular do mangue – a prostituição – que, no poema de Bandeira, adquire *status* mítico (uiaras e sereias), não nuclear e complementar, sendo ela um elemento misturado aos demais da Cidade Nova. O mangue de Drummond parece metaforizar o tema baudelairiano da condição de exílio a que a cidade submete os seres, o que, conforme Uchoa Leite (2003, p. 47), em “Drummond é um estilo de vida. [...] A da solidão na metrópole e a do desencontro permanente, [...]”. O amor no mangue é tema nuclear do poema de Drummond e revela a dura mitologia das cidades modernas, conforme também anunciou, embora sob outra perspectiva, Manuel Bandeira em “Mangue”.

Na contramão da representação do amor comercial, está o Amor do poema “Nascer de novo”. O título já explicita a presença de dois nascimentos, sendo o primeiro apresentado no sentido literal, quando o feto deixa o útero materno; e o segundo, metafórico e reiterativo, revela a descoberta do Amor por um eu poético até então nascido para o desengano, em um mundo desajustado e desiludido, similar àquele vivenciado pelos habitantes do mangue.

“Nascer de novo” é composto de quatro estrofes, as três primeiras com dez e a última com doze versos, sempre polimétricos e sem rimas finais, exceção para um número reduzido de rimas toantes (regaço-cálido; dia-limite). Quanto ao esquema rítmico do poema, as duas primeiras estrofes são mais irregulares e, a partir da terceira estrofe, o ritmo adquire certa regularidade, apresentando inclusive um movimento de ascensão nos versos 1 a 3, da terceira estrofe, que apresentam, respectivamente, 8, 9 e 10 sílabas métricas, seguidos de três versos hexassilábicos e quatro decassilábicos de mesmo esquema rítmico (3, 6, 10). Gradação e regularidade rítmica parecem expressar o paulatino processo de conquista, pelo eu poético, da epifania advinda de um segundo nascimento.

A última estrofe do poema apresenta, nos versos que semantizam o nascer/ser Outro, o predomínio de células binárias e quaternárias, o que sugere o surgimento da alteridade e o nascer para o Amor/poema, promovido pelo encontro com o Outro, capaz de explicação, representação e motivação da linguagem poética:

Nascer de novo

Nascer: findou o sono das entranhas.
Surge o concreto,
a dor de formas repartidas.
Tão doce era viver
sem alma, no regaço
do cofre maternal, sombrio e cálido.
Agora,
na revelação frontal do dia,
a consciência do limite,
o nervo exposto dos problemas.

Sondamos, inquirimos
sem resposta:
Nada se ajusta, deste lado,
à placidez do outro?
É tudo guerra, dúvida
no exílio?
O incerto e suas lajes
criptográficas?
Viver é torturar-se, consumir-se
à mingua de qualquer razão de vida?

Eis que um segundo nascimento,
não adivinhado, sem anúncio
resgata o sofrimento do primeiro,
e o tempo se redoura.
Amor, este o seu nome.
Amor, a descoberta
de sentido no absurdo de existir.
O real veste nova realidade,
a linguagem encontra seu motivo
até mesmo nos lances de silêncio.

A explicação rompe das nuvens,
das águas, das mais vagas circunstâncias:
Não sou eu, sou o Outro
que em mim procurava seu destino.
Em outro alguém estou nascendo.
A minha festa,
o meu nascer poreja a cada instante

em cada gesto meu que se reduz
 a ser retrato,
 espelho,
 semelhança
 de gesto alheio aberto em rosa.
 (ANDRADE, 2010, p. 51-52).

O verso inicial do poema apresenta a antítese fundamental, pois eufórica é a existência anterior ao nascimento, a vida no útero materno: “*Nascer: findou o sono das entranhas. / [...] Tão doce era viver/ sem alma, no regaço/ do cofre maternal, sombrio e cálido*” (ANDRADE, 2010, p. 51, grifo nosso). É interessante observar a presença, nesses versos, da assertiva “viver sem alma” e do epíteto “sombrio”, ambos como traço da existência uterina. Alma é termo de várias acepções. Para os cristãos, é a parte imortal do homem que, após a morte do corpo, será julgada e sancionada com a felicidade ou a ruína eterna. A Modernidade, por sua vez, equipara a alma à capacidade humana de desenvolvimento da consciência pensante. Interessa, à leitura do poema, o sentido de princípio de vida e desenvolvimento das características vitais, sendo elas o pensamento, a afetividade, a sensibilidade. Os versos acima citados negam a viabilidade de se ter alma e, conseqüentemente, os valores e ideologias nela inculcados por culturas, épocas e interesses diversos. Viver sem alma é viver sombria e docemente isento do contato social.

Quando comparamos a primeira seção de “A festa do mangue” com as duas primeiras estrofes de “Nascer de novo”, encontramos um contraponto: o amor nascido no mangue assume a mistura e a impureza, compartilha sua fonte amorosa e seu próprio corpo, assegura sua existência na dinâmica social moderna; por outro lado, o eu poético de “Nascer de novo” demonstra evidente predileção pelo estado uterino, confessa as perdas e a dor do primeiro nascimento até instaurar-se como sujeito em condições adversas e dolorosas.

O ceticismo do eu poético em relação ao nascer e ao estar no mundo é perceptível nas indagações filosóficas a respeito da existência da alma: “Nada se ajusta, deste lado,/ à placidez do outro?/ É tudo guerra, dúvida/ no exílio? [...] Viver é torturar-se, consumir-se/ à míngua de qualquer razão de vida?” (ANDRADE, 2010, p. 51). Passamos da voz objetiva do eu poético-cliente de “A festa do mangue” para a intensa subjetividade do eu poético em primeira pessoa de “Nascer de novo”. A

angústia do sujeito parece advir de sua consciência dos limites, da dor e dos desajustes da existência. Segundo Benedito Nunes (1976, p. 94):

[...] tem-se angústia sem saber de quê. [...] Pode o homem, através da angústia, encontrar a sua realidade de ser existente; mas é para escapar da angústia que ele se refugia no cotidiano, onde, protegido por uma crosta de palavra, por interesses fugidios e limitados, que não o satisfazem completamente e apenas disfarçam o *cuidado* (Sorge) em que vive, passa a existir de modo público e impessoal.

O eu poético de “Nascer de novo” é marcado por forte conflito interior, pois não encontra razão para existir num mundo exasperado, incerto e bélico: “[...] o homem que se angustia vê diluir-se a firmeza do mundo. [...] Sua personalidade social recua. O círculo protetor da linguagem esvazia-se, deixando lugar para o silêncio” (NUNES, 1976, p. 95). Ao contrário do poema “A festa do manguê”, as indagações do eu poético de “Nascer de novo” não obtêm respostas. A falta de correspondência entre as coisas, o mundo e o eu é fator crucial para a instauração da angústia, pois se no útero havia segurança (cofre maternal), repouso (sono, placidez) e aconchego (sombrio e cálido); o primeiro nascimento lança o sujeito à lucidez que estampa claramente os desajustes do mundo (concreto, revelação frontal do dia, consciência do limite, nervo exposto do problema, nada se ajusta, guerra, dúvida, exílio, incerto, viver é torturar-se, consumir-se). Os resultados são a desestabilização dos sujeitos, das identidades, dos valores, das teologias.

Quando o eu poético anuncia o segundo e inesperado nascimento, afirma que ele “resgata o sofrimento do primeiro, e o tempo se redoura” (ANDRADE, 2010, p. 51). O resgate-expição do sofrimento, construído e mantido culturalmente por anos de história, censura e catástrofes, está em relação direta com o redourar do Amor, este último grafado com maiúscula. O Amor, como na tradição clássica e neoclássica, adquire a condição de representação da essência amorosa. Tal fato é importante porque a mudança no tom discursivo do eu poético se dá a partir do verbo redourar, momento em que Amor e linguagem assumem protagonismo, sugerindo um nascer para o Amor e o canto/poema, comprovados na escolha lexical: *nome, linguagem, silêncio*. Nota-se que Amor e poesia adquirem traços epifânicos, sendo epifania aqui entendida como:

[...] o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita na consciência dos figurantes, e a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com o elemento prosaico em que se inscreve o personagem. (SANT'ANNA, 2012, p. 271).

A epifania em “Nascer de novo” interrompe a experiência mundana para anunciar o segundo nascimento. Se o estado inicial uterino apresentava semas de escuridão e fechamento, o novo nascimento é marcado pela luminosidade de um tempo redourado e pela abertura de um espaço natural (nuvens, águas, rosa). Neste tempo-espaço brotam o Amor e a linguagem, o Outro e a rosa-poema. No novo nascimento, é preciso que a linguagem seja outra, que haja silêncio e comunhão com a natureza, que o eu passe a ser Outro. É certo que a cisão permanece, pois eu e Outro não conquistam a unidade: nascer de novo é assumir-se, por similitude, como suporte de representação dos gestos de um Outro - “Em outro alguém estou nascendo” (ANDRADE, 2010, p. 52). Este Outro exige novo ritmo e linguagem, é “retrato”; “espelho”; “semelhança”, metáforas da potencialidade analógica da poesia:

A metáfora é a forma mágica do princípio de identidade. O poeta é um primitivo que se encontra fora de todo sistema conceitual petrificante. Prefere sentir a julgar, entra no mundo das coisas mesmo e não dos nomes das coisas que as apagam. (CORTÁZAR, 2004, p. 367).

No léxico mobilizado predominam as equivalências empáticas, o que pode ser notado no resgate do sofrimento advindo do primeiro nascimento, no tempo redourado, na motivação da linguagem, na resposta emitida pelos elementos da natureza, no nascer em Outro e no gesto aberto em gesto alheio. O anúncio do segundo nascimento fundamenta-se, portanto, numa concepção simpática das coisas e da alteridade, similar à simpatia com que o eu poético de “A festa no mangue” apresentou o prostíbulo e seus atores do mangue.

No verso “em cada gesto meu que se reduz” (ANDRADE, 2010, p. 52), o verbo “reduzir” adquire o sentido de transformação, sendo que pela “forma mágica do princípio de identidade”, anunciada por Cortázar,

a expressão “abrir-se em rosa” promove a equivalência semântica dos verbos “abrir” e “nascer”, ou seja, o Outro nascido é também o nascer da rosa-poema. O Amor-Poesia desprende o sujeito da existência desencantada e lhe oferece identidade com a linguagem poética porque:

[...] a lírica se mostra mais profundamente assegurada, em termos sociais, ali onde não fala conforme o gosto da sociedade, ali onde não comunica nada, mas sim onde o sujeito, alcançando a expressão feliz, chega a uma sintonia com a própria linguagem, seguindo o caminho que ela mesma gostaria de seguir. (ADORNO, 2003, p. 74).

Em “Nascer de novo”, o encontro com a alteridade, este Outro de existência poético-metafórica, sugere que na poesia é possível renascer e superar as angústias cotidianas. Como em “A flor e a náusea”, a rosa que encerra o poema representa comunhão e resistência, pois ao suspender a práxis, “o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. E aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres” (BOSI, 2000, p. 227).

As relações de causa e consequência são evidentes tanto em “A festa do mangue”, quanto em “Nascer de novo”. Os sujeitos de ambos os poemas, diante das adversidades econômicas, políticas e sociais, buscam alternativas de existência e sobrevivência. No caso de “A festa do mangue”, a opção é o anúncio e a venda do corpo/amor, numa adesão clara à prática capitalista que não poupa sequer as relações afetivas. Em “Nascer de novo”, a angústia da existência numa sociedade desagregadora e injusta aponta para o Amor e a linguagem da poesia como alternativas epifânicas.

Apesar das semelhanças mencionadas, a leitura dos poemas indica diferentes atitudes das vozes líricas em relação aos objetos. Em “A festa do mangue”, o vínculo do eu poético com o universo do mangue recebe tratamento épico-dramático de um eu poético que observa e analisa a prática amorosa no mangue, assume ponto de vista objetivo, arrola argumentos e promove análise crítica das causas e consequências que movimentam o lugar e seus atores. O traço dramático está presente no diálogo entre eu poético e prostituta, pois além de dar voz à personagem socialmente marginalizada, o poema revela sua interioridade e leitura de mundo.

Por outro lado, o poema “Nascer de novo” instaura um eu poético em primeira pessoa que apresenta subjetividade angustiada e fortemente decepcionada com o próprio nascimento. Candido (1977, p. 96) afirma existir em poemas de Drummond uma “subjetividade tirânica e patética” que conduziria à recorrente problematização da identidade. Apesar de ensaio escrito antes da publicação de *A Paixão Medida*, a afirmação de Candido apresenta correspondências com o modo de presença do eu poético em “Nascer de novo”, sendo que o primeiro e indesejado nascimento assemelha-se ao “anjo torto” que anuncia um mundo/destino desajustado. Entretanto, ao contrário do Carlos *gauche* que se desculpa e culpabiliza o conhaque e a lua pela exposição de suas sete faces, o eu poético de “Nascer de novo” é contemplado com um novo nascimento em que um quadro completamente diverso do anterior lhe oferece Amor, poesia e a possibilidade de ser no Outro, situação que se contrapõe à expectativa de eus retorcidos e negativos.

Em “Nascer de novo”, as circunstâncias adversas do nascimento confrontam dois tempos e situações que têm por marco o nascer para um *locus adversus* (revelação frontal do dia, consciência do limite), e a tristeza de deixar de pertencer ao *locus amoenus* (sono das entranhas, regaço do cofre maternal, sombrio e cálido). A mediação dá-se pelo surgimento do Amor que promove o renascer em Outro. A face epifânica do poema exhibe um traço utópico que reafirma os valores modernistas de que a linguagem poética, metaforizada pelo Amor-rosa-poesia, ilumina o sujeito e propicia a comunhão entre os seres. O drama pessoal é resolvido pela Epifania do Amor e da Poesia.

Assim sendo, Drummond demonstra, nessa obra de 1980, variedade formal e estética da temática amorosa, mas mantém os aspectos críticos e reflexivos de sua poesia. Nos dois poemas estudados encontram-se duas concepções amorosas intrinsecamente relacionadas ao meio social ocupado pelos sujeitos. Em “A festa do manguê”, apesar de nascer puro, o amor é corrompido pelas impurezas, marginalização e solidão sociais, transformando-se em produto para consumo e prazer dos clientes solitários, e fonte de sobrevivência para as prostitutas. O olhar indulgente do eu poético abre espaço para o conhecimento da situação do prostíbulo, para a visita ao espaço e o diálogo empático com a prostituta. No outro poema, em um mundo desconexo e caduco, o Amor e a poesia perdem espaço para guerras, incertezas e falta de comunicação. Neste contexto, é evidente a insatisfação do eu poético, sendo ele uma

subjetividade crítica que não aceita o lugar que lhe coube no primeiro nascimento. Entretanto, subitamente e sem que haja uma explicação lógica, ao eu poético é oferecido um segundo nascimento, em que o tempo se “redoura” e o sujeito se converte em Outro. A explicação advém de um certo estado de comunhão com a natureza: “A explicação rompe das nuvens,/ das águas, das mais vagas circunstâncias”. Renascimento, Amor, sentido, linguagem, nova realidade, alteridade e similitude estão implicados na feitura do Amor-poema e nas relações analógicas que passam a fundamentar a linguagem poética de “Nascer de novo”. O traço metapoético anuncia que na rosa-poema cabe a ficção de ser Outro e rememorar o nascimento em um mundo mais empático.

Referências

- ADORNO, T. W. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.
- ALI, M. S. *Versificação portuguesa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- ANDRADE, C. D. de. *A paixão medida*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ANDRADE, C. D. de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- BANDEIRA, M. Libertinagem. In: _____. *Antologia poética*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, [197-?]. p. 65-91.
- BARBOSA, R. C. de *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1987.
- BOSI, A. Poesia-resistência. In: _____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 163-227.
- CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. In: _____. *Vários Escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 93-122.
- CORTÁZAR, J. Para uma poética. In: _____. *Obra crítica 2*. Buenos Aires: Suma de Letras, 2004.

COSTA LIMA, L. *Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

LAFETÁ, J. L. Leitura de “Campo de flores”. In: _____. *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2004. p. 38-54.

LEITE, S. U. A poesia e a cidade. In: _____. *Crítica de ouvido*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 13-60.

LIMA, M. V. *Confidência Mineira: o Amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

NUNES, B. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: _____. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. p. 93-139.

SANT’ANNA, A. R. de. Laços de Família e Legião Estrangeira. In: _____. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 261-297.

SCHWARZ, R. *Sequências Brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Recebido em: 1º de maio de 2019.

Aprovado em: 2 de agosto de 2019.